



## A ESCULTURA SURRELISTA DE MARIA MARTINS

**SILVA, Rebecca Corrêa<sup>1</sup>; MARTINELLE, Stella Weicamp<sup>2</sup>; SILVA, Ursula Rosa da<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup>Acad. Lic. Artes (UFPel); <sup>2</sup>Acad. Lic. Artes (UFPel); <sup>3</sup>D<sup>ra</sup>. Educação (UFPel) profa. Instituto de Artes e Design (UFPel). bear@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um dos subprojetos de um projeto maior intitulada *Caixa de Pandora: Mulheres Artistas e Mulheres Filósofas no século XX*, neste sentido, pretende delinear a importância de Maria Martins (1894 -1973) para a história da Arte, revelando suas obras da década de 40 que tratam de temáticas do feminino.

O interesse por pesquisar Maria Martins adveio do fato de ela ter sido escultora, arte até então mais comum entre homens. Como brasileira, e como escultora, manteve uma relação mágica e apaixonada de sua vida pessoal e sua produção escultórica. Sua produção é marcada pela temática autobiográfica, intimista, existencialista, e nacionalista, onde a artista mostra a natureza tropical e sensual do Brasil. Sua linguagem é biomórfica e surrealista, através de sua técnica apurada no bronze. Maria teve grande relevância na contribuição para os museus de arte moderna internacionais, além de ser uma das fundadoras das bienais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Contudo, não lhe é dada a importância devida na história da arte ensinada no Brasil e na historiografia oficial da arte brasileira, bem como na bibliografia internacional de escultura.

### 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Devido a esta pesquisa ser sobre a vida e a produção escultórica de Maria Martins, a metodologia utilizada é do tipo qualitativa, e desenvolve-se a partir da análise e a interpretação da obra de Maria Martins por meio de levantamento bibliográfico e fundamentação teórica. Ao mesmo tempo, a pesquisa assume um caráter histórico, pois buscará soluções a partir de referenciais teóricos publicados.

Dentre os autores utilizados para compor o estudo estão trabalhos recentes, tal como a biografia de Maria Martins, escrita pela jornalista Ana Arruda Callado (2004). Outro material utilizado para compreender a produção da artista pesquisada, por meio de um enfoque mais acadêmico, foi uma dissertação feita na USP, no ano de 2006, pelo pesquisador Roberto Mitsuaki Kumagai, "Maria Martins: uma trajetória artística". Neste trabalho o autor analisa as obras de Maria, e sua técnica artística.

Há ainda uma tese de doutorado defendida pela brasileira Maria da Graça Ramos na Universidade de Barcelona, no ano de 1998, intitulada "Maria Martins: Vida e Obra". Mas não

foi possível ainda ter acesso ao trabalho. Há também trabalhos acadêmicos elaborados por pesquisadores do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, da UFSC.

Aprofundando a temática sobre escultura moderna e o surrealismo, abordamos autores como: Giulio Carlo Argan, William Tucker, Rudolf Wittkower, Walter Zanini, Herbert Head, Dawn Ades e Franco Fortini. Nestes livros Maria não é nem ao menos citada, mas foi possível compreender mais claramente sobre a escultura moderna e o surrealismo. Foram encontrados alguns textos sobre Maria escritos por Tadeu Chiarelli, e Teixeira Coelho.

Além do deste material, serão pesquisados textos em revistas impressas e obras em galerias on-line.

### 3. RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Maria de Lourdes Faria Alves, nasceu em Minas Gerais. Estudou no internato do tradicional Colégio Notre Dame de Sion, pouco se sabe de sua vida até os dez anos do primeiro casamento, em 1915, com o historiador Octavio Tarquínio de Souza, com que teve duas filhas.

O casal separou-se em 1924, e no ano seguinte, Maria Martins conheceu o embaixador Carlos Martins, e passou a residir com ele em Paris. Em 1927, Carlos foi chamado para o posto do Equador. Maria acompanha o marido sempre quando ele muda de posto, estiveram na Dinamarca, no Japão, e em 1935 na Bélgica, onde Maria tornou-se discípula do escultor Oscar Jesppers, o mais importante escultor moderno belga. Desenvolveu obras figurativas de santos e retratos.

No ano de 1939, Carlos Martins é designado para chefiar a embaixada dos EUA. O casal e as filhas mudam-se para Washington, onde na embaixada, Maria instala seu ateliê.

Segundo o Tomkins, autor da biografia de Marcel Duchamp, “Maria esteve no lugar certo e no momento exato”.

Quando estoura a Segunda Guerra na Europa, acontece nos Estados Unidos a chegada de importantes artistas exilados, neste contexto acontece o “Boom” da arte contemporânea.

Além do aspecto social, o político também favoreceu a carreira de Maria, com a criação de parcerias e acordos militares, comerciais, e culturais com a América Latina e principalmente com o Brasil; e a evocação da União Pan-Americana e Política da Boa vizinhança – espírito de “solidariedade hemisférica”. O Estados Unidos criou o órgão, *Inter-american Affairs*, que abriu as portas para a produção de artistas latino-americanos, e determinava que fossem representados a cultura e o folclore de cada país trabalhado.

Em 1940, Maria começa a desenvolver seus trabalhos seguindo a orientação iniciada em Bruxelas com temas figurativos, elaborando retratos e santos, porém inovando na temática para representar a cultura de seu país.

Ela assume a condição de artista e começa a participar de várias exposições: coletiva no pavilhão brasileiro da Feira mundial de Nova York (1940), e a *Latin American Exhibition of Fine Art, Corcoran Gallery* (1941).

“Maria deu muitas entrevistas sobre seu árduo trabalho (...). Foi matéria da *Time-Life* e da *Vogue*”, conforme diz Kumagai. A artista apresenta a maioria de seus trabalhos em madeiras brasileiras, como jacarandá, imbuia, peroba e mogno. Ela só havia começado a esculpir em metal no início do ano, já como escultora profissional, depois que decidira tomar aulas com Jacques Lipchitz. Começou a utilizar o bronze, que passou, daí em diante, a ser o principal suporte à sua obra.

Segundo Kumagai, Lipchitz influenciou Maria em três aspectos: na técnica e no processo de criação, na concepção formal e estilística, e na temática.

Maria aluga um apartamento em Nova York, em um edifício da Park Avenue, e transforma-o em ateliê. Ali passa alguns fins de semana com o marido e longas temporadas

só, trabalhando e recebendo os amigos, entre eles Mondrian, Tamayo, Breton, Léger , e Duchamp – com quem terá um *affair*.

Sobre a exposição *Amazonia*, Ameéde Ozenfant (1886 – 1966): “Acredito ter sido o primeiro a chamar atenção com meu entusiasmo, quando na primeira exposição de Maria, de 1942, pronunciei a palavra gênio.”

André Breton, teórico e líder do movimento surrealista se entusiasma com as obras de Maria, afirma suas obras nada devem á escultura do passado ou do presente, ‘segura que é do seu ritmo original ‘ .

No ano de 1944, Maria é desligada do programa *Inter american affairs*. A partir de então passa a financiar suas próprias exposições.

Maria produz a obra “However” (Entretanto), um bronze no qual duas serpentes envolvem em um corpo de mulher, uma delas saindo de sua cabeça, a outra enroscando-se a partir de seus pés.Com 1,30 m de altura,“However’ não é a única escultura de Maria com o tema da serpente. Nesta escultura, Maria mostra mais uma vez a temática da mulher,com formas genéricas, e em traços essenciais que caracterizam o feminino.

Neste mesmo ano, Maria produz em bronze fundido a escultura “The Impossible”(O Impossível), com 170 X 170 X 170 cm .Esta é uma das obras mais famosas de Maria Martins. Representa a impossibilidade de uma real fusão dos corpos, e também no sentido da compreensão intelectual. O masculino e o feminino estão facilmente perceptíveis, mais uma vez utilizando a linguagem biomórfica . Segundo Kumagai,“(...) os tentáculos curtos em forma de espinho, ameaçadores, voltados um contra o outro, como num ato de auto-defesa. “

Para a jornalista Marta Góes,

“Se na vida pessoal o realismo e o apego á família predominaram sobre o lado apaixonado e transgressor, sua escultura revela o conflito travado no coração. O desejo de liberdade se tornou um tema forte. Na obra mais famosa, *Impossível*, ela dá uma face intrigante e comovente do desencontro amoroso.” (GÓES, Marta .*Maria Martins – mais do que musa de um mito, uma escultora brilhante*. Revista Cláudia ,2003, p. 243)

Em 1946, Maria cria a escultura“ The Woman has lost her shadow” (*A Mulher que perdeu sua Sombra*), uma escultura em bronze sobre uma barra de madeira. Trata-se de uma mulher tendo atrás dela uma outra figura humana de pés e mãos longos como cobras. Cobras que se enovelam no próprio corpo e tentam alcançar a mulher não-sombra. A mulher de corpo esguio e longelíneo e as formas genéricas, e com o rosto sem face, como em *However*, possui as mãos estendidas ao lado do corpo, com as palmas voltadas para cima, como que buscando algo.

Em 1949, Maria Martins produz a obra "Huitième Voile (Eighth Veil),(Oitavo véu) Bronze. Maria usa como modelo sua filha Anna Maria, mas avança declaradamente para o surreal, em um corpo feminino nu, distorcendo a cabeça, as mãos e os pés, numa representação de formas das raízes das plantas, que a fascinaram no contato com a flora amazônica. Para CALLADO (2004), o erotismo nesta obra não foi alvo de grandes comentários, pois é uma marca das obras de Maria. Para o crítico Jayme Maurício,

“Maria foi a personalidade que, sem abdicar jamais de sua feminilidade, representou no Brasil moderno do século XX tudo o que significou o surrealismo, na arte da escultura, na literatura, no sonho, na psicanálise, nas ciências, na política, no erotismo, na eterna busca do ‘eu’ e do ‘outro’, desde a natureza pujante da Amazônia à estratificação da mulher e sua atuação decisiva na virada do milênio. Ela com certeza era tocada pelas aberturas do século das luzes : enciclopédica, liberta e libertária, iluminou os brasileiros com sua arte e seu saber , e sobretudo com sua coragem e paciência com os preconceitos. Amou e ajudou os poderosos da cultura do século de várias maneiras – do sonho, do amor ao acaso”.(MAURÍCIO,J.apd CALLADO,A.A, 2004,p.37)

No ano seguinte, em 1950, Maria retorna ao Brasil, onde produziu obras mais maduras e de formas abstratas. Participou ativamente da criação e consolidação dos Museus de Arte Moderna de São Paulo e Rio de Janeiro e também da Bienal de São Paulo, onde em 1955, recebeu o Grande Prêmio de Escultura Nacional com "A Soma dos Nossos Dias". A partir de então, Maria deixa a escultura pela literatura, publicando vários livros sobre filosofia, política e espiritualidade como jornalista e escritora.

Em 1965, morre Carlos Martins no Rio de Janeiro. Maria de Lourdes Alves Martins Pereira e Souza vem a falecer no dia 26 de março de 1973, vítima de insuficiência cardíaca, aos 78 anos. Seu corpo foi velado no MAM – RJ, uma inovação memorável.

Maria participou de muitas outras exposições coletivas em Nova Iorque, Washington, San Diego, Paris, Zurique, Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis. Mas foi na exposição organizada por Jean Boghici em 1997 que Maria, de fato, ressucitou com toda a sua força.

#### 4. CONCLUSÕES PARCIAIS

Depois de conhecermos um pouco sobre a fase mais impressionante da carreira Maria Martins, podemos compreender sua importância histórica e social. Maria é uma figura importante por ter sido uma mulher à frente de seu tempo, representando o Brasil no exterior através de mitos e da exuberância da Amazônia. Foi uma escultora do gênero feminino e tratando dessa temática na década de 40, faz com que todos os que apreciem suas obras reflitam sobre a condição da mulher. As suas obras tratam ainda de temas atemporais, como questões autobiográficas que envolvem as relações humanas – a relação consigo e com o outro, e a própria existência humana, onde representa estes signos formalmente através da fusão entre o humano e o vegetal, entre a razão e o instinto, entre o consciente e o inconsciente. Talvez por esta temática Maria tenha recebido, como aconteceu com Frida Khalo, o rótulo de surrealista. Quanto à técnica, Maria especializou-se em no material bronze. Mostrou-se expressionista, principalmente nas primeiras obras, deixando a marca do fazer, buscando referências no amigo e mestre Jacques Lipchitz.

Podemos dizer que as obras de Maria Martins produzidas nos anos 40 influenciam, através de sua temática, a produção artística atual. Para Miriam Celeste, Doutora em Arte, a arte contemporânea possui uma tendência intimista, de volta às memórias. Ela conta que esse caráter autobiográfico aparece nas artes plásticas de maneira forte, com visões políticas, sensuais e étnicas, como acontece nas esculturas surrealistas de Maria Martins.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CALLADO, Ana Arruda. **Maria Martins : uma biografia**. Rio de Janeiro: Griphus, 2004.
- CHIARELLI, Tadeu. **Arte Internacional Brasileira**. 2º ed. São Paulo: Lemos-Editorial, 2002.
- COELHO, Teixeira. **A experiência surreal**. Revista Bravo, p.162-168 ano 4, n. 47, 2001.
- GÓES, Marta . **Maria Martins – mais do que musa de um mito, uma escultora brilhante**. Revista Cláudia ,p.239-243 ,2003
- KUMAGAI, Roberto.M. **Maria Martins : uma trajetória artística**. 2006.150f. Dissertação - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

READ, Hebert. **Escultura Moderna : uma história concisa**. São Paulo : Editora Martins Fontes, 2003.

Site - [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0151/aberto/mt\\_244683.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0151/aberto/mt_244683.shtml) , acessado em maio de 2008.